

## GEORGINA ANNETTE HODGE

Departamento de Línguas e Culturas  
Universidade de Aveiro

### Resumo

Para começar, terei de dizer que o artigo que se segue não é, quer resultado de investigação profunda, quer pretensão a sistematizar qualquer teoria sobre aprendizagem de Português. É, antes de mais, uma reflexão muito pessoal acerca da minha própria experiência da aprendizagem da língua portuguesa, numa perspectiva de 'native English speaker', sem qualquer preparação na língua portuguesa, antes da minha chegada a Portugal, há três anos atrás.

Na primeira semana em que cheguei a Aveiro foi-me oferecido um exemplar de 'A Menina do Mar' de Sophia de Mello Breyner-Andresen.

Lembro-me de ter gostado imenso do livro apesar de alguma demora a procurar palavras no dicionário. Desde então, muitas vezes regresssei a esse texto, que, na minha opinião, está impregnado da essência e beleza poética do 'Pequeno Príncipe', mas com ingredientes bem portugueses – a maresia, o vento, gosto e presença do mar que tão inseparável é da cultura tradicional portuguesa. Depois, a referência tão forte às 'saudades' que tanto dizem sobre o que é ser português, sobre aprender e apreender o português.

Assim como 'saudades' não tem tradução literal em Inglês, também aprender Português não tem uma estratégia ou fórmula simples, que eu possa aconselhar.

Espero, em vez disso, poder apontar um, entre os muitos possíveis caminhos.

Boa viagem!

### Abstract:

I would like to begin by saying that the article which follows is not a piece of in-depth scientific research. It is, rather, a very personal reflection about my own experience of learning Portuguese from the perspective of a native English speaker, with no formal preparation in the Portuguese language, prior to my arrival in Portugal three years ago. During my first week in Aveiro, I was given a copy of Sophia de Mello Breyner-Andresen's book, "A Menina do Mar". I remember that I really enjoyed reading it, despite the tedious nature of looking up lots of words in the dictionary. I have since dipped into the book many times because it holds something of the poetic essence and beauty of "Le Petit Prince", but with a Portuguese flavour – the *mersía*, the wind, taste and presence of the sea which is the fabric of traditional Portuguese culture. Then there is the reference to the Portuguese *saudades*, which expresses so much of what it means to be Portuguese and to learn Portuguese. Just as *saudades* has no literal meaning in English, so learning Portuguese has no simple formulae or strategies that I can give you, but I hope that I can at least point you in the right direction. *Boa viagem!*

## **1. Introdução**

Pode parecer um pouco estranho, mas quando a coordenadora de Português como Língua Estrangeira (PLE), Prof. Dra Lourdes Moutinho, me pediu um artigo sobre a aprendizagem do Português, tive de admitir que nunca tinha pensado muito no assunto. Vivo e ensino em Portugal há cerca de três anos e posso considerar-me uma boa aprendiz de línguas. Adoro conhecer as várias palavras, das várias línguas, observar a comunicação entre as pessoas e a ligação intrínseca entre língua e cultura. Adoro ler e sou o tipo de pessoa que guarda num caderno palavras e expressões que, por qualquer motivo, me chamam a atenção. Nunca gostei de mergulhar nas gramáticas de A-Z ou aprender de cor as conjugações dos verbos. Considero ser um trabalho entediante e penoso, para além de ser uma actividade muito solitária. Para mim, a verdadeira motivação para aprender uma língua é o desafio de mergulhar no desconhecido: gosto de a utilizar, de a experimentar, de a ouvir, de imediato, em contextos reais. Por isso, vou ao mercado, às feiras, vejo televisão, ouço rádio e tento assim comunicar com as pessoas da melhor maneira possível, mesmo sabendo que não estou a utilizar devidamente as estruturas, o vocabulário, a pronúncia da nova língua. Em pedagogia chama-se “risk-taking”, mas o meu lema de vida sempre foi – Quem não arrisca, não petisca. Como se depreende, este tipo de aprendizagem tem uma faceta humorística e necessita de muito improviso, nomeadamente no que diz respeito a expressões idiomáticas cuja tradução nem sempre pode ser literal.

## **2. Relato de uma experiência**

Posso referir uma experiência concreta relativa ao sentido da expressão: “to have butterflies in my stomach”. Em diálogo com um amiga, eu fiz a tradução literal – “tenho borboletas no estômago”. Ela não percebeu o sentido, o que motivou uma explicação. Tratava-se de uma questão de ansiedade e não de indisposição do estômago, como ela pensava!

Outro exemplo engraçado aconteceu na semana passada. Fui à farmácia porque precisava de um “painkiller”, como nós dizemos em inglês e eu pedi, na sequência desta lógica, um matador de dores ! Causou alguma animação na farmácia e o empregado com quem falei sugeriu uma visita a Pamplona, onde existem verdadeiros matadores ...

Por isto, considero esta interacção um verdadeiro desafio que abrange as pessoas envolvidas no diálogo, na tentativa de encontrar a expressão ou a palavra equivalente na Língua Portuguesa. Penso que desenvolvi este processo de aprendizagem desde a minha infância, porque cresci no meio de duas culturas e duas línguas – a Inglesa e a Alemã. Julgo ter o dom de ser capaz de recordar facilmente novas palavras e expressões e de conseguir utilizá-las. Além disso, sou capaz de imitar facilmente os diversos sotaques e entoações o que constitui uma enorme ajuda na aprendizagem de novas línguas. No entanto, esta minha faculdade não significa que não cometa incorrecções. Contudo, considero que até estas incorrecções podem constituir um meio de aprendizagem, a partir do momento em que sejam objecto de uma correcção por parte do meu interlocutor. Relembro melhor as correcções em contexto do que as regras gramaticais, fora de contexto e desmotivadoras.

Considero ainda que é muito importante para a aprendizagem de uma língua, a consciencialização das suas estruturas. Esta consciencialização torna-se mais evidente quando nos inserimos no processo do seu *ensino/aprendizagem*.

---

Após dominarmos uma língua, ou melhor, após termos atingido uma certa competência na comunicação do dia a dia, sem grandes barreiras, acabamos por nos tornar um pouco indiferentes ao aperfeiçoamento dessa língua. É um meio para atingir um fim. Tive de pensar cuidadosamente nas particularidades da Língua Portuguesa, na perspectiva de alguém aprendendo Português, sendo Inglês .

---

O primeiro choque – se assim se pode dizer – mas para mim foi, é que o Português não é nada como o Espanhol...Aqui terei de dizer, em minha defesa, que nunca fui um desses ‘estrangeiros’ que pensam que Portugal é uma região espanhola ou que o Algarve é uma estância na Costa del Sol, ou até que Portugal é fisicamente parecido com Espanha. No entanto, tinha um pouco a ideia, como muitos ingleses terão, de que, se se consegue falar Espanhol (que eu aprendi na escola secundária) então o Português seria canja . Como estava errada ! Nalguns aspectos é à primeira vista, com palavras como ‘casa’, ‘moderno’, ‘livro’, ‘campo’, ‘água’ - mas isto só e apenas na linguagem escrita. Quando realmente se ouve o Português falado, esse sentimento de segurança ou até de vaidade evapora-se e transforma-se em quase pânico. Assim, a minha primeira sugestão de atitude seria esquecer o Espanhol, especialmente a pronúncia.

---

Antes de passar a exemplos concretos da gramática portuguesa gostaria de começar com alguns aspectos da pronúncia da língua.

Quando digo que a pronúncia talvez seja o mais difícil aspecto da aprendizagem, não é apenas baseada na ideia generalizada de que a pronúncia é sempre o maior problema para qualquer inglês que aprende outras línguas. É mais ou menos consensual que os ingleses não são particularmente bons ou motivados para aprender outra língua. Isto, em primeiro lugar, porque a maior parte dos estrangeiros fala inglês e em segundo, porque a Grã-Bretanha está, geográfica, e em muitos aspectos, culturalmente, separada do resto da Europa. Não se pode simplesmente atravessar a fronteira de carro, como de Portugal para Espanha.

Outro importante factor é que, contrariamente à maior parte dos outros países europeus, nós, ingleses, não ouvimos música, cujas letras não sejam em inglês, não vimos filmes com legendas, nem vimos/ouvimos outras línguas à nossa volta no dia a dia.

Penso que muitas pessoas na Grã-Bretanha seriam capazes de identificar a língua Espanhola, Francesa ou Italiana, mesmo não percebendo uma palavra, no entanto muito poucas conseguiriam identificar a Língua Portuguesa. Não gosto do que vou dizer, mas muitas cartas que recebo em Portugal de Bancos e outras Empresas inglesas ainda escrevem Portugal – Spain – no endereço!

A primeira vez que ouvi falar Português souu-me mais como uma língua de Leste, como Polaco ou Checo, do que como uma língua latina.

Soava de uma forma incompreensível, apesar de formidável. Senti que aprender Português seria, no mínimo, um desafio como subir uma montanha.

Assim, penso que esta terá de ser a prioridade para o professor de Português, em vez de ficar preso à gramática: Como posso tornar a língua acessível e atractiva para um principiante?

Tentarei expor algumas considerações ao longo do texto, tentando dar algumas respostas e indicações no último parágrafo deste artigo.

Penso estar certa quando digo que os Ingleses que têm que aprender outras línguas não estão tão preocupados com a pronúncia como outros aprendentes pelo mundo fora. Os Ingleses concentram-se mais em aprender para comunicar, estão mais interessados no 'destino', por assim dizer, do que nos meios para fazer a viagem.

A pronúncia é um verdadeiro problema, por ser mesmo difícil para nós.

Primeiro, porque há muitos sons nasais que não existem em Inglês, como ão/, /ãe/, /õe/ e o terrível /lh/ som na palavra bacalhau, que é talvez uma das primeiras palavras que se aprende em Portugal.

Depois temos o /r/ e a parte de trás da garganta enrolada /rr/ que nos é mais fácil no Inverno quando temos frio. É praticamente impossível a um Inglês pronunciar / caro/ e /carro/ de modo diferente. Nós apenas temos o suave som /r/ que é dito a partir da parte da frente da boca e não corresponde a nenhum dos dois sons portugueses.

E o facto dos *carros* serem *caros* também não ajuda !!!

O som /lh/ apresenta problemas semelhantes. Para nós os sons /l/ e /h/ juntos não são possíveis como início, e o que torna as coisas mais difíceis é o facto de expirarmos o som / h/ , coisa impossível depois de /l/ . Os portugueses não expiram o /h/ e, ainda por cima, deixam-no cair, facto impossível em inglês. Em Inglês, este é um pecado mortal na escola e considerado falta de educação, como a Eliza em "My Fair Lady" quando diz que a gramática inglesa é 'orrible' e 'orrid'. Já em Português pode dizer-se 'ollywood' e ninguém pestaneja!

Outra letra/som problemático é o /x/ , que para nós é /ex/ mas em português pode ler-se, entre outras possibilidades, /sh/ - som que nós usamos quando queremos mandar calar alguém . Se disser o som duplo, em português, quer dizer que precisa de ir ao WC !?

Até aqui só me debrucei sobre letras individuais. Essa é a parte mais fácil, porque há 23 letras em Português contra 26 em Inglês.

Não existindo o /k/, /w/, ou /y/ pelos menos não seremos incomodados por nenhum português a perguntar /How?What?Where?Why?Which? / já que o /h/ não se expira e não existe /w/ ou /y/...

As boas notícias são que pode usar-se /OK/, porque é universal, apesar de não usarem o /k/.

Já os problemas tornam a surgir quando os Portugueses falam a correr, juntando todas as palavras de modo a que, o que parecia fácil na página escrita, parece totalmente incompreensível quando falado.

Enquanto em Espanhol se ouve distinto o som 'la' em 'la aldea' em Português é 'a aldeia' e porque não se lêem separadamente duas vogais juntas dizem 'naldeia' o que soa como uma palavra completamente diferente.

Atente-se\_: *Vamos ao Porto* - (Let's go to Oporto). Um inglês fica confuso com a rapidez com que falam – ainda que inferior à dos espanhóis - pois apenas ouve 'Vamos Oporto'. Suponho ser o temperamento latino.

Outro exemplo clássico da confusão que se pode gerar é numa conversa telefónica. No início deste tipo de diálogo, ouve-se normalmente 'Estou'. Aprende-se que *estou* significa 'I am'. Para agravar esta confusão, a maior parte das pessoas, ao atender, apenas diz 'Tô', o que em inglês quer dizer dedo do pé. Isto confundiu-me imenso da primeira vez que estive em Portugal.

Os interlocutores adicionam o artigo antes do nome próprio, o que também é confuso...

Eu sou 'a Georgina' e estou a falar com 'o João' ... Imaginem esta conversa:

(Toca o telefone e atendem) - Tô (ooooo)?

---

Tã ...é a Marta? Sou eu, a Joana.  
Joana. És tu? Tanto tempo. Tás boa?  
Tô, sim. E tu?  
Também. Tô bem, sim senhor ...

Continuando neste tema, vejam-se os rituais telefónicos e os prolongados procedimentos de dizer adeus, o que acrescenta bastante confusão linguística iniciada no principio do telefonema:

Então, tá combinado?

---

Acho que sim. Então, até amanhã.

Até amanhã, se Deus quiser.

Ciao.

Adeus.

Beijinho.

Beijinhos para ti, também.

Outro. Ciao.

Com licença.

Com licença. Adeus.

No princípio da minha aprendizagem do Português, ouvia constantemente a palavra 'beijinhos' quando esperava a minha vez nas cabinas telefónicas (não havia telemóveis nesse tempo). Esta palavra significava que a conversa estava a chegar ao fim ... ou quase. A outra expressão estranha era *com licença* usada quando pousam o telefone ou entram e saem do elevador, por exemplo. Durante muito tempo, pensei que era uma pessoa/entidade, ou como os Americanos ao dizerem 'que um anjo te proteja', ou talvez S.Cristóvão que olha por nós entre beijinhos e viagens de elevador !

Além de certas letras e combinações de letras, há ainda uma variedade de palavras quase impossíveis de serem correctamente pronunciadas por um Inglês, como: quadrigentésimo, desaparecer, isqueiro, esquerda, paralelepípedo, esgotado, esfregona, artesanato, forro, entre outras.

Se passarmos do singular para o plural, as dificuldades continuam, especialmente para os ingleses que, normalmente, apenas precisam de adicionar um 's' ou quando muito 'es', mantendo-se a pronúncia. Em Português, acontece, por vezes, que, se juntarmos um 's' ou 'es' muda também a pronúncia, por ex: /ãe/ passa a /ães/, (aisch), ou /õe/ e /ão/ passam a /õesch/ e /ãosch/ : mãe/mães, mão/mãos, chorão/chorões.

Alguns plurais também não seguem o padrão lógico que esperamos. Vejam a palavra 'limão'. Tão fácil, passa a 'limões'(limõesch) ...

Tentem agora 'cão'. Logicamente, sigam como 'limão' e terão 'cões'. Terá de ser 'cães' (caisch). Apenas posso concluir que ainda bem que só há um Camões!

Pronúncia e plurais andam de mãos dadas em Português, em termos de dificuldade.

O modo como se pronunciam o singular e o plural da mesma palavra pode mudar radicalmente o seu sentido. Note-se a palavra 'pai' - juntando um 's' resulta 'pais'e porque não, talvez se possa ter dois pais, quando afinal aqui quer dizer 'parents', pai e mãe.

Se enfatizar ligeiramente o 'p' 'pães' ...ficamos com 'bicos' 'cacetes' 'papo-seco', o singular 'pão' ...Percebem-me? A diferença está apenas entre a pronúncia nasal de 'pães' e a pronúncia labial de 'país'. Com um jeitinho da língua e um acento pode passar a 'país' (country). Como não temos acentos, cedilhas nem til na Língua Inglesa, acho que a formação do plural e a pronúncia terão de ser cuidadosamente exercitados, quando se está a aprender Português.

Foi-me sugerido, por alguns estudantes de Português/Inglês deste semestre, que o facto de alguns objectos poderem ser masculino ou feminino (mesmo antes do plural) pode causar problemas a estudantes ingleses da Língua Portuguesa. Na globalidade, acho que os Ingleses estão conscientes das ratoeiras a que estão sujeitos quando aprendem uma língua estrangeira, porque apenas temos o artigo 'the' e as outras línguas classificam 'mesa' de 'feminino' e 'quadro' de masculino e pior ainda, se está a aprender Alemão, algumas coisas, incluindo 'raparigas' são *neutro* (antes de serem mulheres?) ...Apesar destes pequenos acidentes linguísticos serem mais ou menos esperados, não é normal pensarmos a vida nestes termos. Usamos a lógica que nos diz que as palavras terminadas em 'a' são femininas e as terminadas em 'o' masculinas. Receio que não. As palavras seguintes são todas do género masculino em português: fantasma, cinema, dia, mapa, esquema, poeta, poema e problema, entre outras... apesar do facto dos problemas serem 'masculino' ter alguma lógica...

Há muitos tempos verbais na língua portuguesa, não acham?

Os Portugueses são muito sensíveis à história e ao passado, talvez devido aos tempos em que, como Inglaterra, eram uma potência colonial. Até têm uma palavra que parece não ter tradução – saudades – na qual se centra o tradicional fado, palavra e sentimento que nada mais é do que uma dor/ansiedade que advém da ausência de alguém ou alguma coisa que se ama.

A gramática reflecte essa importância do passado na medida em que comporta seis tempos no 'passado'.

Enquanto em inglês apenas temos o 'imperfect', 'perfect' e 'past perfect', em português temos o *pretérito simples, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito composto, pretérito mais-que-perfeito simples e composto*.

A juntar ao número de tempos terá de conjugar-se o verbo de acordo com quem se está a falar, i.e. :

Eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas. Repare-se no simples verbo 'ser' (*to be*) : Em Inglês, do tempo passado ao futuro, apenas temos : *I am, I was, I have been, I had been*.

Em Português será: *sou, era, fui, tenho sido, fora (que também é oposto de 'dentro') e tinha sido*.

No mesmo tempo, encontram-se diferentes formas verbais para cada pessoa, por isso enquanto em Inglês apenas temos três : *I am, you are, he/she/it is, we are, you are, they are*, em português são seis: *sou, és, é, somos, sois, são*.

A diferente pronúncia do /s/ no princípio e fim da palavra, como 'sch', torna isto mais complexo. Em espanhol /s/ tem apenas um som.

Contudo, as maiores ratoeiras da Língua Portuguesa residem na riqueza do vocabulário e no facto de tantas palavras iguais ou parecidas terem significados **completamente** opostos.

O mais próximo deste fenómeno, em Inglês, é o modo como usamos as preposições. Por exemplo, *to chat to someone* significa apenas falar de modo informal. Mas, *to chat someone up* significa flertar com alguém do sexo oposto (geralmente) na perspectiva de um encontro amoroso.

Em português esta confusão pode gerar-se com palavras. A partir de exemplos como *sapateira* (*marisco ou armário de sapatos*); *tesouro* como algo valioso e *tesoura* como objecto de corte; *meias*, como peúgas e meia de leite para café com leite; *travessa* pode ser um tabuleiro, uma rua pequena ou gancho de cabelo; *a secretária* tanto pode ser a mesa de trabalho como a pessoa (talvez isto se relacione com o estatuto das secretárias femininas); *a canadiana*, sendo uma mulher do Canadá, pode ser uma mula; *pena* pode ser revestimento de aves ou então dor, no sentido de piedade; uma *pilha* é objecto que produz energia ou uma resma de coisas e em linguagem semi-calão *pila* é um pénis; um *queque* é talvez obviamente um bolo (cake) mas se trocar a vogal do fim para um 'a' poderá parecer um termo rude e ser muito mal interpretado. Melhor será ficar pela *tosta mista!*

Há depois algumas expressões curiosas e palavras que foram absorvidas do Inglês. Por não existir no alfabeto o /k/ ou o /w/ aparecem palavras como: *quiosque* (kiosk), *sanduíche* (sandwich), *hambuerger* (hamburger) and *suetshirt* (sweatshirt). Ouvi há pouco tempo a expressão: *Podemos ir ao topo-* (we can go to the top) e: *Vamos fazer uma tripa ao Algarve!*

Outro problema surge ao fazer comparações, isto devido à engrenagem e estrutura da língua. Em inglês usamos sempre *more + than* (*mais do que*) por isso acabo por dizer também *-mais grande do que-* em vez de *maior*, sendo este um grave erro, que, instintivamente, ainda cometo.

Frequentemente, os Portugueses pensam nos Ingleses como sendo muito possessivos. Basta pensar na expressão: *An English man's home is his castle*. Eu diria contudo que são os portugueses os mais possessivos, isto se contarmos quantas palavras precisam para dizer **my**? Em Português pode ser *minha*, *meu*, *minhas* e *meus* e assim por diante nas outras formas possessivas. Concorde-se que não é fácil um Inglês lidar com isto!

### 3. Algumas reflexões

Dadas todas estas dificuldades como poderá um professor de Português ensinar a sua língua a ingleses numa forma motivadora e frutífera? Uma pergunta de difícil resposta, é certo, mas acima de tudo, deverá estar presente o facto de os ingleses aprenderem gramática de forma diferente. Basicamente, o ensino é mais focado na expressão e comunicação, deixando para segundo plano as funções e noções gramaticais. Não fiquem surpreendidos se os estudantes não souberem o que é uma preposição ou advérbio ou se não souberem a diferença entre um verbo transitivo e intransitivo. Será mais sensato conduzir as lições evitando terminologias e técnicas linguísticas e privilegiando a fala e a comunicação.

Sendo verdade que, ao princípio, tudo soa estranho a um inglês que aprende Português, seria produtivo mostrar um pouco da língua escrita, antes de entrar na pronúncia. Pessoalmente, aprendi bastante lendo histórias para crianças, por exemplo - *Menina do Mar* e *A Árvore* de Sophia Mello Breyner-Andresen. Estas histórias estão recheadas de estruturas linguísticas básicas e vocabulário diverso, de extraordinária riqueza. Também

acho 'Calvin and Hobbes' no jornal Público uma forma positiva e divertida de ampliar os conhecimentos.

É muito importante que os estudantes *ouçam* tanto quanto possível da língua que estão a aprender, através de vídeo – talvez sobre turismo e cultura –o que daria uma mais valia à motivação para aprender.

Devido ao impacto da novidade absoluta, tanto cultural, como da pronúncia, contrariamente ao Francês ou Espanhol, os estudantes precisam de ser expostos ao máximo à linguagem falada. Aqui poderá ser muito útil a audição de alguns grupos musicais ou cantores portugueses, cuja simplicidade e qualidade das letras ajudará e motivará os estudantes que antes nunca ouviram qualquer artista português.

Acrescento apenas uma nota cultural que poderá ajudar professores portugueses quando ensinam ingleses: Apesar do que muitos dizem sobre os ingleses serem envergonhados ou reservados, penso que descobrirão que a maior parte gosta de trabalhar em grupo e 'rir deles próprios', o que, numa sala de aula, não é característica que se despreze!

Permitam-me acabar com uma nota positiva, dizendo que considero o Português uma língua bonita e poética para aprender e porque comecei a compará-la com o Espanhol, vou terminar dizendo que ela é, de longe, a mais bonita das duas, tanto na forma escrita como falada.

Como dizemos em Inglês, *No pain, no gain*, e em Português, claro, sabem que afinal *Vale a pena!*